

A GUERRILHA DO ARAGUAIA NA MEMÓRIA DAS MULHERES DE XAMBIOÁ-TO: PRÁTICAS DE CUIDADO E RESISTÊNCIAS DO COTIDIANO

THE ARAGUAIA GUERRILLA IN THE MEMORY OF THE WOMEN OF XAMBIOÁ-TO: CARE PRACTICES AND DAILY RESISTANCES

Olivia Macedo Miranda de Medeiros 1

Euclides Antunes de Medeiros 2

Wiris Orimar Ferreira 3

Resumo: Nesse artigo discutiremos como cinco mulheres, atualmente idosas, que viveram em Xambioá – TO durante a Guerrilha do Araguaia (1972-1975), reconstroem suas memórias (PORTELLI, 2014; POLLAK, 1989; THOMPSON, 1992) sobre esse processo e a partir delas costumam relatos dos acontecimentos e das opressões cotidianas sofridas à época. Esclarecemos que não é interesse dessa investigação destacar o protagonismo de militares ou de guerrilheiros, nossa proposta é problematizar como essas mulheres mobilizaram uma dada cultura do cuidado (LAFUENTE, 2020), instrumento de opressão do patriarcado (PATERMAN, 1993), transformando-a em mecanismo de resistência que culminasse com a proteção delas e de seus filhos. Como resultado dessa investigação, depreende-se que as mulheres entrevistadas constituíram, durante a guerrilha, um conjunto de estratégias, desde o território conhecido do cotidiano e da vida doméstica (FEDERICI, 2019; VERGE, 2020), pautado na desconfiança, na observação dos detalhes e no empenho por distanciar seus filhos, especialmente as meninas, da iminência de sofrerem qualquer violência.

Palavras-chave: Guerrilha do Araguaia. Mulheres de Xambioá-TO. Práticas de Cuidado. Resistência do Cotidiano.

Abstract: In this article we will discuss how five women, currently elderly, who lived in Xambioá - TO during the Guerrilha do Araguaia (1972-1975), reconstruct their memories (PORTELLI, 2014; POLLAK, 1989; THOMPSON, 1992) about this process and from them. they stitch together accounts of the events and daily oppression suffered at the time. We clarify that it is not the interest of this investigation to highlight the protagonism of the military or guerrillas, our proposal is to problematize how these women mobilized a given culture of care (LAFUENTE, 2020), an instrument of patriarchy oppression (PATERMAN, 1993), transforming it into resistance mechanism that culminated in the protection of them and their children. As a result of this investigation, it appears that the women interviewed constituted, during the guerrilla, a set of strategies, from the known territory of everyday life and domestic life (FEDERICI, 2019; VERGE, 2020), based on mistrust, observation of details and in the effort to distance their children, especially girls, from the imminence of suffering any kind of violence.

Keywords: Guerrilla do Araguaia. Women from Xambioá-TO. Care Practices. Everyday Resistance.

- 1 Professora Adjunta do Curso de História na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Campus de Araguaína. Doutora em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e Professora do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT-UFNT). Editora da Revista Escritas do Curso de História da UFNT. Pesquisas na área de História, com ênfase em História e Literatura, História Regional, Memórias e Modos de viver. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6930347487835706>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4297-1158>. E-mail: oliviacormineiro@uft.edu.br
- 2 Doutor em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e Professor Adjunto do Curso de História na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Campus de Araguaína. Editor da Revista Escritas do Curso de História da UFNT. Pesquisas na área de História, com destaque para História Regional, Literatura, Memória e Violência. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2099194343540663>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5200-5338>. E-mail: eantunes@uft.edu.br
- 3 Mestre em Cultura e Território pelo Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos de Cultura e Território da Universidade Federal do Norte do Tocantins (PPGCULT-UFNT). Graduado em História pela Universidade do Tocantins (Unitins). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5566618926061058>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9858-8319>. E-mail: wiris_ferreira@hotmail.com

Introdução

Nesse artigo discutiremos as memórias de cinco (05) mulheres acerca de suas experiências vividas na cidade de Xambioá-TO., no que concerne à Guerrilha do Araguaia. Enfatizando, a partir de seus relatos, a articulação entre seus cotidianos, vulnerabilidades e cuidados maternos como elementos centrais na construção de suas estratégias para garantir a segurança de suas famílias, buscaremos compreender como as referidas estratégias se constituíram lugar de ancoragem de suas memórias sobre o referido movimento armado. A Guerrilha do Araguaia foi um movimento de luta armada que ocorreu na região dos vales dos Rios Araguaia e Tocantins, divisa entre os estados de Goiás¹ e Pará, entre os anos de 1972 e 1975. Este movimento nasceu como resistência à ditadura militar implantada no Brasil, a partir do golpe de 1964, tendo começado a ser organizado a partir da segunda metade da década de 1960, especialmente quando alguns dos guerrilheiros se instalaram no sul do Maranhão –nas cidades de Porto Franco e Imperatriz – com o intuito de realizar a sondagem da região e escolher o melhor local para iniciar os trabalhos de implantação do movimento dissidente (MEDEIROS, 2013)

O recrudescimento da repressão aos grupos que se opunham ao regime militar, principalmente com a instituição do Ato Institucional nº 05 em dezembro de 1968, reforçou a certeza dos opositores do regime de que seria necessário começar a transferir suas ações para lugares onde o Exército e suas redes de informantes e agentes repressores ainda não estivessem atuando de forma direta. A região do Araguaia foi a escolhida pelos militantes do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), os quais, articulados a estudantes universitários, operários, profissionais liberais e camponeses, começaram a planejar as ações do movimento guerrilheiro.

Seja como for, os trabalhos acadêmicos clássicos sobre a Guerrilha do Araguaia privilegiaram ora a atuação de guerrilheiros, ora a atuação de militares, construindo narrativas e representações que articulavam protagonismos dentro da perspectiva ideológica que abraçavam: fosse de direita ou de esquerda. De fato, as produções acadêmicas sobre a Guerrilha, de forma geral, se basearam em documentos que narraram as versões de guerrilheiros e militares. Os recortes e seleções costumam destacar os nomes que foram construídos como símbolos desse movimento armado. Assim, por exemplo, há trabalhos acadêmicos que se interessam pelos diários de Maurício Grabois, um dos comandantes guerrilheiros (MECHI, 2013). Outros, se interessam em desvendar a obscura participação do Exército na Guerrilha, como o trabalho de Luiz Maklouf Carvalho (2013) que narra a versão de Lício Augusto Ribeiro Maciel, major-adjunto do Centro de Informações do Exército, quando atuou na linha de frente do combate à guerrilha do Araguaia.

Por outro lado, há trabalhos mais recentes, caso do artigo “À margem da História: os moradores do norte de Goiás, sul do Pará e sul do Maranhão e as memórias da Guerrilha do Araguaia”, escrito por Medeiros e Viana Filho (2016), que propõe pensar como os moradores da região dos vales dos rios Araguaia e Tocantins compreendem a Guerrilha a partir de seus próprios termos. Contudo, mesmo nos trabalhos e pesquisas que pretendem colocar os moradores da região com parte do processo, a história, no mais das vezes, é contada na perspectiva masculina. Por outro lado, compreendemos que devem ser acrescentadas outras perspectivas, como a história a partir de abordagens étnicas e de gênero ou, caso dessa investigação, sob a perspectiva da história das mulheres de Xambioá.

De fato, poucas vezes as mulheres do território do Araguaia, onde a guerrilha ocorreu, foram objeto de estudos; do mesmo modo, suas percepções e experiências foram durante longo tempo negligenciadas por pesquisadores. Historicamente, as mulheres têm sido apagadas, suas vozes silenciadas e seu olhar para o mundo opacizado, diante das perspectivas masculinas e androcêntricas. Michelle Perrot destaca como a mulher sempre teve sua voz reprimida, em seu livro: *Os excluídos da história*.

Ora, a exclusão feminina é ainda mais forte. Quantitativamente escasso, o texto feminino é estritamente especificado: livros de cozinha, manuais de pedagogia, contos recreativos ou

1 À época da Guerrilha do Araguaia, na década de 1970, a área que hoje constitui o estado do Tocantins, criado no ano de 1988, pertencia ao estado de Goiás e a região era conhecida como “Norte de Goiás”.

morais constituem a maioria. Trabalhadora ou ociosa, doente, manifestante, a mulher é observada e descrita pelo homem (PERROT, 1988, p. 186).

Por não ter feito parte dos interesses acadêmicos durante longo tempo, as vozes das mulheres, sua vida e sua existência foram na maioria das vezes filtradas pelo olhar masculino, que parecia, até pouco tempo, o único autorizado a lhe “fazer falar”. O foco de Perrot é principalmente aquelas que seriam as mais esquecidas entre as esquecidas: as mulheres pobres, tanto operárias quanto prostitutas, lavadeiras e donas de casa, sem escolaridade, que penavam para ganhar o sustento para si e sua família, aquelas que fazem pequenos “bicos”, trabalham como camelôs, participam de protestos e se organizam, causando medo e preocupação às autoridades.

A exclusão da mulher enquanto protagonista dos processos sociais, se desdobra contemporaneamente em algumas discussões que relativizam ou desconsideram as opressões históricas sofridas pelas mulheres. Nesse sentido, uma dada cultura do cuidado, construída historicamente a partir da ideia do cuidar como um instrumento de humanização, tem surgido mais recentemente por meio de discussões produzidas dentro de profissões como medicina, enfermagem, psicologia e serviço social, as quais se apropriaram dessa abordagem, transformando-a, essencialmente, em um modo de se relacionar com pacientes ou com seus públicos-alvo. Por outro lado, a cultura do cuidado vem sendo levantada por alguns intelectuais como um campo que se oporia à ideia da ciência e da produção do conhecimento como um espaço privilegiado apenas da crítica. Conforme expõe Antonio Lafuente:

Os cuidados transitam em outro tipo de abundâncias invisíveis. Eles têm a ver com todas as práticas que levam à reparação ou à manutenção da vida. Possuem relação com o que há de mais simples e comum: dar comida, fornecer aconchego, produzir bem-estar, manter a conversa, ouvir o incabível ou inusitado, oferecer esmero, sentir o futuro, experimentar com os outros, fazer coisas juntos, desfrutar as nuances, acompanhar processos e criar espaços seguros. No mundo, não há nada mais abundante do que a dor, o desconsolo, o desabamento. Nada é mais necessário do que oferecer confiança, paz ou tempo. Seja para descobrir suas (novas) vulnerabilidades, seja ao se encontrar (novamente) estagnado, o que você vai querer por perto não é um cérebro privilegiado capaz de performar uma capacidade de análise impecável. Nesses momentos, precisamos de outro tipo de talento: o de alguém que saiba se colocar em sua situação, em seu lugar, conter a ansiedade de aconselhar, ficar em silêncio, saber ouvir, deixar fluir e acompanhar, enquanto, aos poucos, você se reencontra com a vida que merece ou a resposta que procura [...] (LAFUENTE, 2020, s/p)

Para Lafuente o conhecimento deve ser construído não apenas como domínio da crítica, mas também como espaço de práticas que se propõem a cuidar, a ouvir e a garantir a sobrevivência da humanidade. Sem dúvida, o conhecimento e, mais propriamente a ciência construída a partir de parâmetros ocidentais, afastam-se do humanismo e da possibilidade de cooperação que teriam o intuito de garantir, por exemplo, a coexistência entre ser humano e natureza. Contudo, o que Lafuente não problematiza é que, na realidade social, a função de cuidar - aqueles que alimentam, que protegem e que “fornecem aconchego” - é atribuição, dentro das sociedades sustentadas no patriarcado, das mulheres, as quais atuam nesse domínio quase sempre sem a colaboração masculina.

O domínio do cuidado como atribuição feminina se constitui uma das mais potentes formas de opressão por afastar as mulheres do espaço público e da atuação política, circunscrevendo-as ao território privado, da cozinha para o quintal, ou então, como explica Françoise Vergé, “ocupa[ndo-a]

incansavelmente da tarefa de limpar o mundo” (2020, p. 16). Ou seja, mulheres “do lar”, como são conhecidas as mulheres que se ocupam do casamento, dos filhos da casa; limpando, organizando, cuidando para que os homens possam executar suas tarefas, classificadas como importantes por outros homens.

Assim como Vergé, Silvia Federici escreve sobre como o cotidiano da vida doméstica termina por subalternizar ainda mais as mulheres, colocando-as na situação permanente de dependentes sociais dos homens. Afinal, segundo ela,

Todas nós somos donas de casa porque, não importa onde estamos, os homens sempre podem contar com mais trabalho nosso [...] pois nossa mente é direcionada para um outro lugar, para o homem que, no nosso presente ou no nosso futuro, ‘cuidará de nós’ (2019, p. 53).

Enquanto cuida da casa e da família, além do trabalho assalariado, a mulher permanece submetida ao território simbólico “do lar” e da falsa convicção de que está ou estará sendo cuidada por um homem. Esse jogo, construído a partir das estruturas de sentido do patriarcado², é marcante nos relatos das mulheres que nos concederam entrevistas: quase todas elas iniciam suas falas afirmando que quase não viram nada sobre a Guerrilha do Araguaia pois durante a década de 1970 estavam “ocupadas criando os filhos.” Contudo, no decorrer do diálogo, muitas experiências são lembradas, levantando questões que deslocam e realocam o papel da mulher xambioense dentro do referido conflito.

De fato, as lembranças evocadas por nossas entrevistadas, levantam um aspecto central na construção dessa pesquisa: o problema do trabalho da memória que, permanentemente, é construída e reconstruída em um diálogo tenso entre passado e presente. No que concerne à memória, observamos as considerações de Michel Pollak (1989, p.11) ao defender que nenhum grupo social “tem sua existência e perenidade assegurada, sua memória, contudo, pode sobreviver a seu desaparecimento”, sendo que algumas das formas que permitem essa sobrevivência via memória é a História Oral.

Discutindo os usos da História Oral, Paul Thompson diz ser esta “a evidência oral, transformando os ‘objetos’ de estudos em ‘sujeitos’”, o que contribuiria “para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mais também mais verdadeira” (1992, p.137). A História Oral permite, desse modo, a utilização de “fontes” que estão “vivas”, por se tratar de pessoas, de vidas e de experiências vivenciadas, apresentando uma relação com relatos que estão condicionados à memória, pois como esclarece Alessandro Portelli:

A memória e o relato oral sempre são uma questão de busca de sentido, por isso não utilizo este termo “testemunha” porque, do meu ponto de vista, implica uma relação de apenas recepção e não é o que ocorre, porque a memória não é um depósito de fatos. A recepção em si é uma interpretação, então sempre há interpretação, que está sempre se processando, em movimento constante (PORTELLI, 2014, p.205).

Sendo assim, o uso da História Oral, como método de investigação, nos permite apreender os relatos dessas mulheres a partir da sua ótica de vida, pois o relato oral, portador de memórias, é **um** instrumento que, de certa forma:

Privilegia] a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõe, à “memória oficial” [...]. Essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho

² Enquanto teoria totalizante, o patriarcado é tema ambíguo e contraditório da área dos estudos feministas, porém para efeito de análise nesse artigo, adotamos a concepção de Carole Pateman (1993, p. 167), a qual concebe-o como o poder “dos homens como indivíduos (sobre as mulheres) [que] abarca todos os aspectos da vida civil”. Segundo essa autora a sociedade civil é estruturalmente patriarcal, pois as mulheres estão submetidas à dominação masculina tanto na esfera privada quanto na pública.

em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados (POLLAK, 1989, p.4).

A memória é reveladora, pois evidencia as possibilidades de reconstrução das vivências humanas que não foram registradas em documentos escritos e/ou oficiais, por isso a motivação dos pesquisadores em lidar com fontes que contribuem para a reconstrução dos processos histórico e social. No caso da História Oral, além da apreensão da memórias das mulheres excluídas da história da Guerrilha do Araguaia, ela permite, por meio de entrevistas, que sejam “revela[dos] eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas [...]” (PORTELLI, 1997, p. 31).

Os relatos orais trazem à superfície não apenas as memórias subterrâneas dos grupos subalternizados, também colocam em perspectiva as experiências dos grupos que não tiveram oportunidade de narrar sua versão dos acontecimentos. No caso das mulheres de Xambioá, essas experiências, reinseridas no presente por meio dos relatos de memória, estão entremeadas por silenciamentos que: de um lado, foram impostos, durante longos anos, acerca da Guerrilha do Araguaia; de outro lado, repercutem o silenciamento historicamente imposto às mulheres como forma de opressão. Ensinadas a calar, elas aguçaram seus sentidos para registrar em suas memórias um mundo de vivências, vivências essas marcadas por seus lugares sociais e que retornam em seus relatos com a força da representatividade feminina.

O lugar social das mulheres no contexto da Guerrilha do Araguaia

Nesse artigo, trazemos entrevistas produzidas com cinco (05) mulheres com idade entre 70 e 80 anos, que à época da Guerrilha do Araguaia, anos de 1970, tinham entre 30 e 40 anos e viviam em Xambioá-TO, a saber: dona Ana Maria 80 anos; dona Eva, 80 anos; dona Glória, 80 anos; dona Francisca, 76 anos; e dona Rosa 74 anos³. Por se tratar de mulheres com vidas longevas, para alcançar suas memórias adotamos como metodologia a História Oral com o procedimento de entrevistas semiestruturadas, ou seja, fizemos uma lista de perguntas mais genéricas que permitiram, conforme as respostas, realizar desdobramentos que ampliavam e/ou aprofundavam o diálogo em determinada direção.

Nesse sentido, na busca por destrinchar o complexo conjunto de memórias que surgem em seus relatos, se fez necessário considerar que, por ser tratar de lembranças já tão “surradas” pelo tempo, elas são formadas em temporalidades diversas e a partir de acontecimentos articulados ao presente, como explica Portelli:

(...) apoiar-se em um episódio pode ser um caminho para salientar sua importância, mas também pode ser tema estratégico para desviar a atenção de outros pontos mais delicados. Em todo caso há uma relação entre a velocidade da narração e a intenção do narrador (PORTELLI, 1997, p. 5).

Sem dúvida, as lembranças das mulheres de Xambioá que foram entrevistadas estão alocadas em temas que vão do cotidiano da casa e dos filhos à época, passando por imaginários construídos sobre a guerrilha no presente, até os encontros fortuitos e traumáticos com militares e guerrilheiros, sendo necessário buscar interpretar os filtros, pois “fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo, e o que agora pensa que fez” (PORTELLI, 1997, p.7). Ou seja, a História Oral permite a reconstrução da história da Guerrilha do Araguaia a partir de outra perspectiva, o que, no caso desta investigação, permitiu visibilizar as mulheres de Xambioá que, em um contexto de censura e repressão, foram apagadas do processo por narrativas hegemônicas.

As cinco (05) entrevistadas residiam em Xambioá durante a Guerrilha do Araguaia, porém eram migrantes de outras regiões: Ana Maria nasceu na zona rural da cidade de São José dos Patos, sertão maranhense; Eva nasceu na cidade de Grajaú, no sul do Maranhão; Glória no município de

3 Nomes fictícios atribuídos às entrevistadas com o intuito de preservar suas identidades.

Tocantinópolis, estado de Goiás à época; Francisca, em Uruaçu- Goiás e Rosa, em Marabá, estado Pará.

Da mesma forma, as experiências da infância à juventude dessas mulheres diferem, Ana Maria, esteve durante vários anos desterritorializada, migrando de lugar em lugar dentro do Maranhão quando “Ai vem de lá pra cá... *Ai minha filha eu vim de lá pra cá com essa luta, vamo aqui, vamo ali ... [...] vim pra cá nois moremo em Imperatriz [cidade do Sul do Maranhão] não sei quantos ano naquele tempo eu já era mulher já veia*”⁴

A primeira lembrança de infância de Ana Maria é uma queda de uma árvore, quando caiu em cima de uma pedra pontiaguda, que “*quebra que fica aqueles negocinho, assim ela corta, ai eu caí e isso aqui [indicando o maxilar] esbagaçou cabou com os dente tudo virou assim uma marmota viu*”⁵, A queda, para ela, parece ser um parâmetro de superação das dificuldades da vida: quebrou o maxilar na infância e se recuperou usando “bosta de jumento” como medicamento; quebrou o braço várias vezes, também narra, preparando-se para novos embates, os quais não foram poucos.

Não tendo se casado oficialmente, ela se mudou para a região de Xambioá em 1969, junto com um companheiro. Essa transferência é descrita por ela como uma circunstância em que “foi sofrer”⁶:

Fui mais ele [seu companheiro] lá pras terra alheia; aí fumo trabalhar nas terra alheia, daí depois foi em que começou o negócio da guerrilha aqui né; aí nois já tava aqui, nois voltemo lá de onde a gente tava na taipava ai viemo pra cá; aí fiquemo. Aí o pau caiu a foia menino, aqui dentro, ai eu ví sofrimento aqui dentro... Menino ave maria não gosto nem de pensar.⁷

Ana Maria é uma das narradoras que fazia parte dos grupos mais subalternizados da região durante a Guerrilha do Araguaia, uma mulher “*sem marido*”, apenas “*juntada*”, como até hoje são designadas as mulheres que não oficializam suas relações afetivas; pobre, pois vivia trabalhando nas propriedades de outras pessoas e que, quando se fixou definitivamente em Xambioá, “lavava roupa pros outros.[...], cri[ando] a filha [...] nesse Araguaia, viv[endo] doente desde esse tempo, [pois] cri[ou] a menina foi dentro do Araguaia.”⁸

Outra entrevistada, Eva, tem uma trajetória de vida diversa da de Ana Maria. Também maranhense, filha de garimpeiro, migrou para Xambioá, cidade onde havia diversos garimpos de cristal de rocha, ainda bebê. Contudo, por volta dos 11 anos, sua mãe, preocupada com as condições de vida “de uma mocinha dentro de um garimpo”, a transferiu para um internato construído e comandado pela Igreja Católica. Em um primeiro momento, Eva residiu no convento em Porto Nacional, à época norte de Goiás, depois foi transferida para outro internato da Igreja, este localizado em Conceição do Araguaia, sul do Pará.

Segundo o relato de Eva, diferente de Ana Maria, “*não [havia do] que reclamar [de sua infância e adolescência], só vi[u] coisa linda que hoje [...] não v[ê] mais: a natureza, muito linda, o rio Araguaia, o rio Tocantins, que Porto Nacional é banhado pelo rio Tocantins*”⁹. Protegida, dentro dos conventos, das experiências de opressão e violência do universo garimpeiro, Eva evoca lembranças de beleza e paz durante sua adolescência. Depois de 06 anos no internato, onde esteve estudando para ser professora, ela retornou a Xambioá e, com 17 anos, iniciou sua carreira docente, ensinando as primeiras letras às crianças da cidade, isso em 1962. Como professora, Eva adentra a classe média de Xambioá e, após alguns anos, se casa com um proprietário rural da região. É nessas circunstâncias que ela experencia a Guerrilha como um momento “de incerteza e medo em Xambioá”¹⁰

Glória, outra entrevistada, nasceu em Tocantinópolis -TO, mas migrou para Xambioá em

4 Ana Maria, entrevista concedida em 09 de novembro de 2019.

5 Ana Maria, entrevista concedida em 09 de novembro de 2019.

6 Ana Maria, entrevista concedida em 09 de novembro de 2019.

7 Ana Maria, entrevista concedida em 09 de novembro de 2019.

8 Ana Maria, entrevista concedida em 09 de novembro de 2019.

9 Eva, entrevista concedida em 13 de março de 2020.

10 Eva, entrevista concedida em 13 de março de 2020.

1957, para ela “a parte mais linda da [sua] vida foi a [...] infância”¹¹, quando, apesar da criação rígida, podia brincar livremente com os primos. Durante a infância ela frequentou a escola, tendo se mudado para a cidade de Xambioá justamente para estudar, enquanto seus pais permaneciam na zona rural. Aos 19 anos se casa com um comerciante da cidade, torna-se “*mãe de família [enfrentando] muito medo, por causa de [suas] filhas, no tempo da guerrilha*”¹².

Residindo atualmente em Paraopebas-PA, Francisca, outra entrevistada, vivia em Xambioá à época da Guerrilha. Nascida em Uruaçu, norte de Goiás, pouco rememora sua infância: “vivia bolando, eu num tinha pai, vim bolando e cheguei lá [Xambioá] nos garimpos. Eu era menina [...] Cheguei em 60.”¹³. Querendo conhecer um pouco mais sobre a vida de Francisca, perguntamos como era “viver bolando”, e ela me respondeu: “*não tinha ninguém por mim, minha mãe vivia na vida, me dava comida, e me levava mais ela, mais eu num estudei, pingava de pioio, mais ela nos garimpo, no meio da homarada, muiê da vida, sabe como é, num tem parada [...]*”¹⁴. Francisca, como ela mesma diz, “*entrou para a vida*” ainda com 14 anos, passando a exercer a prostituição como ofício. Nesse época, ela diz ter “*ganhado muito dinheiro dos garimpeiros*”, pois ela era “*nova e os homens gostava disso*”, como explica:

*Em Xambioá, as coisas melhoraram, porque era garimpo né? Eu já não tava com minha mãe, tava por minha conta. Mas num fui pra cabaré não, tinha meu barraco, e recebia era lá... era nova... e até bonita demais (gargalhadas). Sabe, foi um tempo bom, sussegado; tive 4 fiii [filhos], desse jeito... vivia separada das muiés de família, mais elas não me maltratava, eu também não me metia na vida da sociedade*¹⁵.

Francisca, expressa uma compreensão cristalina do seu lugar dentro da sociedade xambioaense da época. Sabia que como prostituta era estigmatizada e por isso se mantinha à distância. Parece-nos que sua ideia de “sossego” advinha dessa não interferência na “vida da sociedade”. Por outro lado, como mãe ela se coloca e de fato pertence ao mesmo domínio que as demais entrevistadas: se preocupava em “criar [s]eus fi[lhos], dando o melhor pra eles”¹⁶

Francisca, certamente, foi uma das mulheres que teve experiências mais traumáticas durante a Guerrilha, pois não se encaixava nos padrões normativos designado às mulheres, os quais eram atingidos principalmente por meio do casamento. Para ela, os militares foram os “mais brutos, [...] os soldados não tinham pena de nois...”¹⁷

Rosa, residente atualmente em Marabá, sudeste do Pará, traz para a narrativa uma experiência dissidente: não teve filhos; foi abandonada pelo marido, que também era garimpeiro, e “*nunca mais quis saber de homem, f[ui] viver com [minha] mãe de volta*”¹⁸ Como relata:

*Estudei, o segundo grau, e fui ajudar meu irmão no comércio. Minha vida foi boa, né? Mas queria ter tido ao menos um filho... Deus não quis. Mas talvez foi melhor.. porque vixe, foi um ... foi um terror [a guerrilha] [pois as mulheres e meninas] tinha que ficar em casa, trancadas... era muito medo de ser atacada*¹⁹

Os relatos de Rosa, são marcados por uma ansiedade que determina o tom de sua linguagem quando o assunto é a guerrilha. Mesmo afastada de Xambioá a mais de duas décadas, o medo ainda parece ser o principal sentimento que permeia suas lembranças. Por outro lado, mesmo não possuindo filhos, e tendo retornado ao convívio da família materna, Rosa não deixa de registrar que

11 Glória, entrevista concedida em 02 de dezembro de 2019.

12 Glória, entrevista concedida em 02 de dezembro de 2019.

13 Francisca, entrevista concedida em 25 de março de 2020.

14 Francisca entrevista concedida em 25 de março de 2020.

15 Francisca, entrevista concedida em 25 de março de 2020.

16 Francisca, entrevista concedida em 25 de março de 2020.

17 Francisca, entrevista concedida em 25 de março de 2020.

18 Rosa, entrevista concedida em 20 de janeiro de 2020.

19 Rosa, entrevista concedida em 20 de janeiro de 2020

“ajudou a criar as sobrinhas e que cuidou da mãe até sua morte”²⁰ e talvez o fato de ter “criado” as sobrinhas tenha sido o fator determinante na sua compreensão da guerrilha como um processo infinitamente mais nocivo para as mulheres de todas as idades.

Seus relatos vão estabelecendo uma linha experiencial fortemente vinculada à cultura do cuidado como uma esfera de responsabilidade da mulher, o que segundo Vergé (2020, p. 70) expõe uma prática comum do patriarcado onde as mulheres *“não existem, ou existem apenas como figuras silenciosas, sujeitas à lei dos maridos e filhos”* ou da família em geral.

De fato, todas as cinco entrevistadas colocam o cuidado com a família, dimensão cultural do patriarcado, como “algo natural”. Seja criando filhos, sobrinhos ou cuidando dos demais familiares, a narrativa das experiências significativas de suas vidas é atravessada pela esfera das responsabilidades que a sociedade lhes atribui. As desigualdades de classe, de status dentro das instituições familiares – casadas, juntadas, prostitutas ou separadas – assim como de acesso à formação escolar constituem diferenças fundamentais na determinação de suas compreensões sobre a vida e sobre a realidade em Xambioá durante a Guerrilha do Araguaia, porém, como veremos na próxima seção desse artigo, a cultura do cuidado, distinguida como responsabilidade das mulheres no que concerne à proteção da família, especialmente dos filhos, é um elo importante para interpretarmos os sentidos das experiências e memórias dessas mulheres.

Por outro lado, mesmo que o domínio do cotidiano feminino e da cultura do cuidado sejam constituidores de formas de opressão, as mulheres de Xambioá entrevistadas para essa pesquisa usaram esses espaços como instrumentos de resistência à violência aguda que a Guerrilha do Araguaia trouxe consigo. Sobre esse aspecto é necessário destacar dois pontos específicos: primeiro, apesar de não tratarmos nesse artigo sobre a violência e a brutalidade sofrida pelas mulheres de Xambioá durante a Guerrilha do Araguaia, por não caber na análise proposta, o que faremos oportunamente em outra publicação, elas ocorreram abundantemente e produziram cicatrizes físicas, psicológicas e emocionais em muitas delas.

Segundo, embora a cultura do cuidado seja um dos instrumentos mais eficazes de opressão contra as mulheres, as práticas que a compõe são um território conhecido e dominado pelas mesmas mulheres que sofrem as opressões. O conhecimento desse território e o domínio das dinâmicas do cotidiano são, nesse caso, produto das experiências das mulheres, as quais sempre contêm as experiências de outras mulheres; experiências essas que vem sendo transmitidas oralmente, por gestos, olhares e relatos. Essas experiências, construídas a partir de vivências múltiplas de opressão, ensinou às mulheres de Xambioá a fazerem de seus cotidianos instrumentos pedagógicos de vigilância: um olhar, um toque, uma sugestão, qualquer coisa fora do comum era suficiente para alertá-las que seria necessário agir no sentido de protegerem-se e protegerem seus filhos.

O mecanismo da desconfiança como estratégia de segurança das mulheres: impressões sobre a Guerrilha

O cotidiano e o olhar para a vida doméstica surgem nos relatos das entrevistadas entremeados ao que rememoram sobre a Guerrilha, especialmente sobre os dois grandes grupos que se convencionou reconhecer como protagonistas desse conflito armado: guerrilheiros e militares. Quando perguntada sobre a Guerrilha, o olhar de Glória para o passado revela em primeiro lugar a presença dos “paulistas”, como eram conhecidos os guerrilheiros antes de serem denunciados pelos militares:

No começo a gente não tinha noção se tinha guerrilheiro na região, a gente ouvia falar que tinha uns paulistas, um médico muito bom que consultava. Inclusive, de Xambioá foi muita gente se consultar com esse médico, muita, muita gente, e eles davam até o medicamento, era um médico ... um médico muito bom; todo mundo que consultava com ele dizia que ele era um médico muito bom. E que tinha uma enfermeira, que eu não lembro o nome agora, um nome muito conhecido mais

20 Rosa, entrevista concedida em 20 de janeiro de 2020.

eu não me lembro o nome dela; de uma enfermeira que fazia parto e que tratava de muita gente, das mulheres da região e que também dava remédio. Sabe, era muito falado esse médico e essa enfermeira, mas ninguém tinha noção de que eles eram guerrilheiros, ninguém tinha noção, ninguém sabia quem era.²¹

Segundo Glória, a presença dos “paulistas” era pacífica, eles ajudavam a população e suas relações e luta contra o regime militar não eram conhecidas. Apesar de fazer parte da memória social da região o fato de ter uma enfermeira entre os guerrilheiros que ajudava as mulheres durante os partos, é importante destacar que a partir do olhar de uma mulher esse fato ganha relevância, por se tratar de uma demanda central nas áreas mais afastadas, caso da região do Araguaia. A ideia de cuidado para com as parturientes e a maternidade como valor social importante sustenta a argumentação de Glória sobre os “paulistas” como pessoas que ajudavam os moradores da região, pois “a maioria do povo que foi ajudado por eles era carente, da roça que [...] não tinha meio de se tratar [pois] não tinha médico, então eles passavam por lá, inclusive muitos foram presos por acolher eles, mais eles não sabiam que eram guerrilheiros, mais pra justiça isso não importa...”²²

Nessa mesma direção, Ana Maria faz sua primeira referência à Guerrilha afirmando que eles:

os paulistas, eram gente que serviam muito. Eu não tinha muito conhecimento cum eles, não.. Mas meu marido tinha, tinha sim... ele [o companheiro de Ana Maria] trazia remédio aqui pra casa, porque hospital num tinha.. remédio? Nem pra febre.. era muito interior esse Xambioá. Lembro de uma vez, que minha vizinha tava com febre, a gente morava pras bandas do rio [Araguaia]. Ela teve neném e ficou com inflamação e apareceu lá um remédio antibiótico.. Foi mandado pela enfermeira deles lá...²³

A ideia de colaboração evidencia, inicialmente, relações de solidariedade entre os moradores de Xambioá e região e os guerrilheiros, conhecidos à época como “paulistas”. Entretanto, o que destacamos dos dois relatos acima é o lugar central que as demandas femininas, especialmente as reprodutivas, assumem, sendo tratadas nas memórias das entrevistadas como o cerne de suas representações sobre os guerrilheiros: a saber, o “servir” ao cuidado com a saúde feminina em caso de partos ou puerpérios, um território típico das mulheres especialmente nas regiões mais distantes dos recursos da medicina.

Mesmo as entrevistadas que não tinham necessidade dos recursos médicos e farmacológicos que os “paulistas” podiam oferecer, registram em seus relatos esse aspecto, caso de Rosa, segundo ela:

Eu não tive quase contato com eles [os paulistas], alguns vinha aqui no comércio. Eram calados e educados. Mas eu não sei ...vi muita coisa não... mas sabia que eles eram gente que ajudava a pobreza, mais as mulheres. Morrer de parto era normal lá no Xambioá, então o médico e a enfermeira de lá, serviam muito né? Imagina, estar para ganhar menino e ter uma dificuldade? Já falei que não sou mãe, mas sei com é.. sofrer por um filho...acho que sei.²⁴

A dimensão da maternidade se amálgama à mentalidade das mulheres entrevistadas, fazendo evocar, mesmo em Rosa que não teve filhos, a centralidade dessa dimensão, o que interfere

21 Glória, entrevista concedida em 02 de dezembro de 2019.

22 Gloria, entrevista concedida em 02 de dezembro de 2019.

23 Ana Maria, entrevista concedida em 09 de dezembro de 2019.

24 Rosa, entrevista concedida em 20 de janeiro de 2020.

na reelaboração de suas memórias sobre os guerrilheiros, no contexto da Guerrilha do Araguaia. Em sua maioria, quando lembrados pelas mulheres, os guerrilheiros aparecem como pessoas dispostas a cuidar de aspectos que estão postos como entranhados no cotidiano feminino. No caso dessas três entrevistadas, Ana Maria, Glória e Rosa, a maternidade aparece como pilar e estratégia da manutenção da vida. Dar vida, cuidar, produzir bem-estar, especialmente para os filhos e/ou crianças que sejam membros da família, são, segundo nossa análise, o elemento organizador das narrativas, sustentadas na memória, sobre os guerrilheiros, mesmo depois que o discurso das Forças Armadas os transformou em “perigosos terroristas”.

A memória é um campo de possibilidades para o surgimento de novas compreensões, é nela que fica armazenado tudo que é relevante para o sujeito e, por conseguinte, o motivou a registrar determinados episódios ou representações como significantes acerca de um conjunto de experiências. Ao nos voltarmos para as impressões que as entrevistadas tinham acerca dos militares, podemos aprofundar essa discussão.

A percepção de Eva sobre a Guerrilha do Araguaia é atravessada por nuances. Seu relato sobre a presença dos militares, o que para ela significou o início do movimento armado, indica os caminhos de sua memória:

Nossa foi assim uma novidade muito grande, porque Xambioá com 6 mil habitantes ver chegar 10 mil soldados foi uma novidade: o que eles queriam aqui? Mais antes que eles ... que eles viessem mesmo, eles mandaram o DOPS, o DOPS veio vender rede, vender alho e se hospedava no melhor hotel da cidade. Imagina!!!!, só que a gente não tava esperando. Mais antes mesmo deles chegarem pra vender [alho e rede] eles mandaram uns panfletos, e colocaram esses panfletos nos maiores pontos de acesso da cidade que era nas farmácias no mercado, na beira do rio, tinha um cinema lá do Manoel Matos eles colocaram lá. E logo eles apareceram vendendo rede, vendendo alho, passeando na cidade conversando muito pouco só ouvindo.²⁵

Certamente a presença do termo DOPS na narrativa de Eva é uma reelaboração mediante as informações adquiridas a partir do final da década de 1990, quando os interditos imposto a esse processo começaram a ser levantados (MEDEIROS, 2013). Sobre as experiências daquele presente distante, ela se lembra da presença dos militares disfarçados como vendedores de redes e alhos e hospedados em hotéis cujos valores das diárias eram incompatíveis com a referida atividade.

Nos registros da memória de Eva, a primeira lembrança é uma desconfiança, exposta de modo perspicaz, e que parece ser posterior à época dos fatos: “vendedores de alho hospedados em hotéis caros?”²⁶. Além disso, suas lembranças iniciais evocam uma certa racionalização do processo: ela lembra da chegada dos “espiões” como uma estratégia militar, assim como lembra do anúncio dessa chegada com os panfletos, os quais informavam a população da existência de “comunistas” na região. Por outro lado, quando provocada a declarar se sabia que os “paulistas” eram terroristas ou se eles se comportavam como tal antes das ações militares, ela responde:

Não... não...não.. eu, a gente, não sabia de nada, eram pessoas normais, sossegadas. E serviam muito, todo mundo, principalmente quando era assunto de doença, de parto e de atenção com as crianças. Eu nunca precisei, graças a Deus, mas conheço gente que, vixe Maria, se serviu muito deles. Mas também, a gente hoje não sabe se era só pra enganar, né..²⁷

A memória de Eva gira em torno da tentativa de elaborar como a presença de militares

²⁵ Eva, entrevista concedida em 13 de março de 2020.

²⁶ Eva, entrevista concedida em 13 de março de 2020.

²⁷ Eva entrevista concedida em 13 de março de 2020.

e guerrilheiros impactaram a normalidade em Xambioá, para ela os militares chegaram tão silenciosamente quanto os guerrilheiros, porém com a diferença de que os últimos buscavam ajudar a população, enquanto os primeiros, em um primeiro momento, sondavam o tipo de colaboração que a comunidade oferecia aos guerrilheiros e, em um segundo momento, denunciavam a presença de “comunistas e terroristas” na região do Araguaia.

A estratégia da denúncia, adotada pelo Exército, conduz à construção, pela população de Xambioá e principalmente pelas mulheres, da desconfiança como mecanismo de defesa. Ana Maria lembra bem da presença do “homem do alho”, forma que a população denominou os militares infiltrados em Xambioá antes da deflagração da luta armada:

Ai quando foi à primeira carmaçada que veio os primeiros; eles vieram bem ali onde é posto da balsa né [...] ai o povo dizia “de onde será que esse povo veio, as coisa deles é tudo diferente. Ai vai, eles passaram o dia lá, aí ficou um com a trança de alho nas costa, ai chegava nos buteco e dizia: “ei me dá uma pinga”; e ele saia: “olha o alho” e ninguém queria; ninguém quase nunca comprava aquele alho. Ai ele vai e some, aí o povo fala: “o home do alho desapareceu né?”, “ah o homem do alho sumiu”; [isso], na primeira vez né”. Quando, foi na segunda vez: o cab[r]a do alho apareceu né, ai ele disse “sou aquele cab[r]a do alho, mas não sou não, vocês vão ver”. Ai eles ficaram ali, aparecia uma coisa, aparecia outra... menino... esse home sumiu de novo, quando ele apareceu aí deu polícia viu, aí deu polícia, era toda coisa, toda coisa [...] ruim tinha aqui²⁸

Assim como Eva, Ana Maria relata que a chegada dos primeiros militares na cidade de Xambioá é revelada com a presença do “homem do alho”, que teria vindo para a região para sondar as relações entre guerrilheiros e o povo da região; por outro lado, também os guerrilheiros, depois de denunciados pelos militares, são visto com desconfiança, pois talvez estivessem ajudando as pessoas necessitadas da região do Araguaia para engana-las posteriormente, como aponta Eva em seu relato. Essa desconfiança, construída como estratégia de preservação pelas mulheres, reverbera também na dimensão da responsabilidade pelo cuidado com a família e por isso o momento que o Exército entra em Xambioá com seus caminhões e com os soldados “foi assustador pra todo mundo.”²⁹

Um exemplo de como esse mecanismo de desconfiança, construído pelas mulheres, operava durante a Guerrilha aparece no relato de Eva, a qual relata um dos encontros que teve com o “paulista” Paulo³⁰:

Tinha aquele seu Paulo, um dia eu fui na beira do rio com a Sônia ela ainda pequenininha, bem branquinha e gordinha tudo, ai eles já conheciam ela por causa do Antônio [marido de Eva] né; eles estavam lá na loja do seu Valdemar Ribeiro, [ele] vendia balinha, vendia um bocado de coisa. [Paulo] comprou balinha e deu pra Sônia eu só peguei mesmo as balinhas e nem queria receber, não era por nada não, [era] porque ela não chupava balinha nessa época né, ai eu disse obrigada e tal. Ai uma pessoa veio dizer pra mim: “menina do céu diz que aquele homem ali leva até criança. Eu respondi: não menina eu conheço ele lá da usina [usina de arroz, cujo proprietário era seu marido] e tudo, não leva criança não, mais mesmo assim

28 Ana Maria, entrevista concedida em 09 de novembro de 2019.

29 Gloria, entrevista concedida em 02 de dezembro de 2019.

30 Provavelmente referindo-se ao guerrilheiro Paulo Mendes Rodrigues, o qual, segundo o Relatório Arroyo, foi morto de dezembro de 1973 na região do Araguaia pelo Exército. Disponível em <https://memoriasdaditadura.org.br/memorial/paulo-mendes-rodrigues/>. Consulta realizada em 06/03/22.

*eu fiquei com medo, ficava dizendo olha que bonitinha que gracinha e comprava balinha pra ela; eu dizia: obrigada não chupa balinha ainda não.*³¹

Embora em relato acima Eva reconheça que os “paulistas” serviam à comunidade local por meio da prestação de serviços de saúde, quando se trata de sua interpretação de uma situação particular, ela não deixa de exercer seu direito à desconfiança. Conhecia o Paulo do estabelecimento comercial de seu marido, onde os paulistas levavam o arroz para “limpar”, ou seja, em termos gerais ela não acreditava que eles eram sequestradores de crianças, porém, destacando o cuidado com sua filha de colo manteve-se cautelosa, pois embora considerasse o oferecimento das balas uma atitude inofensiva, o medo de não conseguir proteger sua família era muito maior.

Dentre as entrevistadas, Eva é a que mais traz para seu relato representações que foram construídas depois da Guerrilha, evidenciamos isso ao observamos o uso que faz da linguagem, quando aparece termos como DOPS, comunistas, terroristas. Ela registra que teve outros contatos com Paulo e provavelmente, antes do Exército (des)informar a população de que os paulistas eram “comunistas e terroristas que sequestravam crianças”, ela não compreendia aquelas pessoas que viviam na outra margem do rio Araguaia como riscos potenciais. Por outro lado, ela traz de volta essa lembrança do cotidiano e do cuidado de mãe, porque a proteção dos filhos, alvo dos afetos maternos, se manifesta como ponto de ancoragem de sua memória.

Partindo de outro modo de compreender a presença dos “paulistas”, Ana Maria destaca que “não era ameaça, nunca teve ameaça por parte [deles], pois eles só faziam o bem”³². “Fazer o bem”, fazer partos, ajudar trazer vida ao mundo, figura novamente como aspecto positivo dos guerrilheiros em contraponto aos militares que segundo a mesma “veio com afronta, aí o povo ficou com medo, [pois] não deu segurança ao povo”.³³

O mecanismo da desconfiança está articulado à demanda de segurança buscado por essas mulheres, mães ou responsáveis pelas vidas de crianças. Utilizado nas relações ora com guerrilheiros, ora com militares, esse mecanismo é evocado sempre que as entrevistadas rememoram alguma situação de vulnerabilidade, como relata Francisca:

Nossa!!!! Eu tinha três meninas, quando Xambioá se entupiu de soldado, eu tinha medo demais. Não por mim, não, não... estava acostumada com as burduadas da vida.. dos home ...quer dizer.. (parada longa, entrecortada por suspiros). Mais eu queria preservar as meninas... eu sou de garimpo, lugar de muito home... mulher não tem paz. Os soldado era igual os garimpeiros, sem orde e respeito. Então eu escondia as menina, tirei de Xambioá, mandei pros lados dos Cocos [cidade de Babaculância-TO]³⁴.

Francisca, por sua experiência em lugares cuja presença masculina era ostensiva, reconhece sua situação de vulnerabilidade, porém sua preocupação primordial era com a segurança de suas filhas que tinham entre 09 e 14 anos. Cautelosa, ela compreende não poder proteger suas filhas se as mantivesse na cidade de Xambioá, tomando a decisão de tira-las de casa. Desconfiar é o primeiro passo de uma estratégia feminina histórica e persistente em um mundo dominado pelo androcentrismo, principalmente quando as mulheres buscam segurança para si e para os filhos, principalmente para as filhas. Obviamente, a situação de Francisca, a qual exercia o ofício da prostituição, era de maior vulnerabilidade, porém não era apenas ela que se preocupava com a segurança e construía estratégias de proteção, como observamos no relato de Glória:

Ah.... tinha o toque de recolher, então era mais perigoso ainda sair de casa. Nois, mulher, não saía de noite e quando saía era

31 Eva, entrevista concedida em 13 de março de 2020.

32 Ana Maria, entrevista concedida em 09 de novembro de 2019.

33 Ana Maria, entrevista concedida em 09 de novembro de 2019.

34 Francisca, entrevista concedida em 25 de março de 2020.

pra missa, ia pra missa acompanhada e voltava pra casa com muita gente, sempre acompanhada ... não só de mulher.³⁵

Por ser casada e membro da classe média de Xambioá, Glória estava entre as mulheres menos vulneráveis aos riscos que a Guerrilha do Araguaia trouxe, mas nem por isso ela se considerava mais segura que qualquer outra, isso se dá porque ela, assim como todas as entrevistadas, reconheciam nas ações dos soldados os elementos que elas, na busca por se manterem seguras, sabiam ser perigosas. Sobre isso, Eva esclarece:

Não, eles de dia andavam, de dia, fazendo o patrulhamento, mas a noite que eles apareciam mais nas festinhas, tinha um cara lá que fazia festinhas (risos) rapaz passava a noite inteirinha na rua procurando mulher, procurando festa, fazendo todo tipo de baderna que tu possa pensar.³⁶

O mecanismo da desconfiança, operado por essas mulheres como estratégia para garantir o mínimo de segurança, contribuiu, sem dúvida, para que o espaço privado se tornasse um ambiente de proteção. Manter a si mesmas e aos filhos protegidos, envolvia, no contexto da Guerrilha, mobilizar o universo cotidiano a seu favor: assim, “ficar em casa”, afastar filhas e filhos dos perigos que guerrilheiros e militares representavam, apesar de ser instrumento da dominação do patriarcado, foi constituído em estratégia de resistência à violência que lhes ameaçava, assim como a suas famílias.

Nesse caso, as práticas do cuidado, a territorialização simbólica das mulheres nos ambientes privados em Xambioá, surge como forma de luta e determina, em larga medida, os modos pelos quais as mulheres entrevistadas representam a Guerrilha do Araguaia. Nenhuma delas estava do lado de qualquer das duas forças majoritariamente em disputa, a saber, guerrilheiros e militares, pois sabiam que em qualquer situação as primeiras a sofrer as consequências seriam elas, as mulheres.

Assim, apesar da opressão a que estavam submetidas, as mulheres de Xambioá desenvolveram habilidades de perceber como mobilizar o cotidiano e suas práticas de cuidado para além das pretensões hegemônicas de controle constituídas pelo patriarcado. Esta capacidade inclui as possibilidades de subverter os sentidos comuns da subalternização, como por exemplo a proteção alcançada no interior da casa e a desconfiança, como dinâmica de proteção, contra tudo que o poder masculino representa como ameaça às mulheres. Ou seja, as mulheres operam no cotidiano, como explica Anzaldúa, não apenas sustentando as contradições, mas também transformando-as em algo mais, no caso um algo mais que reinventa os sentidos políticos da vida doméstica. (Anzaldúa, 1990, apud Grossi & Aguiniski, 2001).

Considerações Finais

A Guerrilha do Araguaia foi um conflito armado ocorrido entre 1972 e 1975 no contexto da Ditadura Militar no Brasil. Envolvendo diferentes concepções de governança e marcado pela opressão e pela violência, a historiografia e as ciências sociais se preocuparam, até recentemente, a reconstruir esse processo privilegiando ora guerrilheiros, ora militares, assim como valorizando as representações androcêntricas que desconsideram as experiências das mulheres, principalmente das mulheres da região do Araguaia.

Mais especificamente em Xambioá, cidade localizada na margem do rio Araguaia e que à época pertencia ao norte de Goiás, o silêncio imperou durante as décadas de 1970, 1980 e até meados de 1990. Pouco ou quase nada se falava sobre a guerrilha e quando se falava era em voz baixa, olhando para o lados, ainda marcada que a população estava pelo terror. Quanto às mulheres

35 Glória, entrevista concedida em 02 de dezembro de 2019.

36 Eva, entrevista concedida em 13 de março de 2020.

de Xambioá, já historicamente silenciadas, seus relatos não pareciam interessar àqueles que detêm os códigos e os signos do domínio masculino. Talvez o que as mulheres de Xambioá sabiam e sabem sobre a guerrilha do Araguaia não tenha entrado no horizonte da maioria dos pesquisadores e jornalistas por imaginarem que seus relatos pouco contribuiriam para elucidar o processo político e bélico que envolveu o referido conflito, dado que na cultura do patriarcado o lugar social da mulher é compreendido apenas como sendo o espaço privado, cotidiano, “da cozinha, para o quintal”. Nada mais equivocado do que essa ideia.

As mulheres de Xambioá, especialmente por se moverem no âmbito do cotidiano e da vida privada, gozavam de espaços de atuação sustentados pela familiaridade e pela informalidade das relações, transformando-as em observadoras perspicazes. Tanto é assim que em seus relatos vemos surgir narrativas de encontros despreziosos com guerrilheiros, caso de Paulo, que aparece no texto desse artigo.

Por outro lado, o que nos interessou discutir nesse artigo não foram as representações das entrevistadas sobre guerrilheiros e militares, mas como suas memórias são constituídas de lembranças filtradas por demandas de segurança para si e de proteção para os filhos, especialmente para as meninas, durante o conflito. Sobre isso é importante destacar que apesar de não ter havido uma mobilização coletiva e articulada por parte das mulheres de Xambioá para se protegerem, suas ações, principalmente as medidas de proteção, transformaram práticas de cuidado em estratégias consistentes de resistência contra as ameaças de violência.

São justamente essas práticas de cuidado, mobilizadas pedagogicamente como forma de resistência ao próprio domínio masculino, que fazem com que as entrevistadas reconheçam o papel social dos “paulistas” quando atuavam no âmbito das necessidades médicas e farmacológicas, fazendo partos, tratando doenças e distribuindo medicamentos. Por outro lado, esse reconhecimento não era ingênuo, o que pode ser constatado à medida que elas buscavam proteger seus filhos do contato com os mesmo “paulistas”, melhor nomeados guerrilheiros.

O mecanismo da desconfiança, comum entre mulheres de todos os grupos, as quais são cientes das opressões das sociedades androcêntricas, foi mobilizado pelas mulheres de Xambioá tornando-as mais alertas aos movimentos estranhos ao seu cotidiano; cotidiano esse que em situações de conflito e tensão se torna um aliado primordial à sobrevivência e à proteção. Sem dúvida, essas mulheres estavam aterrorizadas, mas, ao contrário do desespero, reinventaram suas vidas privadas.

Essa reinvenção ocorreu principalmente depois que os “soldados”, em grande número, ocuparam a cidade, pois o espaço público, que nunca foi abertamente franqueado às mulheres, teve sua função de ambiente de múltiplos perigos recrudescida: sair à rua, especialmente à noite, era algo que elas preferiam evitar. A casa, o ambiente doméstico, apesar de não perder o seu caráter opressor, é transformado em um espaço seguro.

No entanto, nem todas tinham a casa como ambiente protegido, caso de Francisca que, por exercer o ofício da prostituição, teve que retirar suas filhas da cidade, encaminhando-as para um ambiente seguro longe da região do Araguaia. Por outro lado, mesmo que o espaço doméstico não fosse seguro para as filhas de Francisca, a dinâmica de proteção, a partir de medidas relativas ao cotidiano, persiste, pois as práticas de cuidado, reinventadas, não eram, naquelas circunstâncias, uma imposição do patriarcado, mas os modos e meios possíveis que elas encontraram para resistir à iminente violência da Guerrilha do Araguaia.

Enfim, o que essas mulheres reteram em suas memórias sobre a Guerrilha do Araguaia, além de responder questões sobre o próprio processo, repõe o problema dos conflitos armados a partir da ótica dos que mais sofreram: as populações atingidas pelas forças em disputa. No caso específico das mulheres de Xambioá, nesse artigo priorizamos evidenciar, para além do seu sofrimento, sua agência como resistência às opressões históricas que o patriarcado lhe impõe.

Lista de entrevistadas

1. Ana Maria, 80 anos, entrevista concedida em 09 de novembro de 2019.
2. Glória, 80 anos, entrevista concedida em 02 de dezembro de 2019.

3. Eva, 80 anos, entrevista concedida em 13 de março de 2020.
4. Francisca, 76 anos, entrevista concedida em 25 de março de 2020.
5. Rosa, 74 anos, entrevista concedida em 20 de janeiro de 2020.

Referências

CARVALHO, Luiz Maklouf . **O Coronel rompe o silêncio**. São Paulo, Objetiva, 2013

FEDERICI, Silvia. **O Ponto Zero da Revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo. Elefante, 2019

GROSSI, Patrícia; AGUINSKI, Beatriz. “Por uma nova ética na abordagem da violência contra mulheres nas relações conjugais”. In: **Violências e gênero – coisas que a gente não gostaria de saber**. EDIPUCRS, Porto Alegre. 2001. pp. 19-46.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro. Ed. PUC-Rio, 2016.

LAFUENTE, Antonio. “Elogio à potência cognitiva dos Cuidados”. **Outras Palavras**, Rio de Janeiro, 2020. Publicado 15/05/2020 às 20:41 - Atualizado 23/12/202. Disponível em : <https://outraspalavras.net/descolonizacoes/elogia-a-potencia-cognitiva-dos-cuidados/#:~:text=O%20coronav%C3%ADrus%20tem%20nos%20ensinado,e%20a%20cultura%20dos%20cuidados>

MECHI, Patrícia Sposito. A guerrilha do Araguaia vista por seu comandante: o diário de Maurício Grabois. **XXVII Simpósio Nacional de História**. Natal- RN, 2013. Disponível http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364490232_ARQUIVO_AguerrilhadoAraguaiavistaporseucomandante-oDiariodeMauricioGrabois.pdf. Acessado em 30 mai. 2022

MEDEIROS Euclides A. VIANA FILHO, Napoleão F. “À margem da história: os moradores do norte de Goiás, sul do Pará e sul do Maranhão e as memórias da Guerrilha do Araguaia”. In: MECI, Patrícia Sposito; MELO, Wanderson Fábio, **Questões de Ditadura**: vigilâncias, repressão, projetos e contestações. Palmas-TO, EDUFT, 2016. p. 93-107

MEDEIROS Euclides A. “Guerrilha do Araguaia: memórias à margem da história”. **Outros Tempos – Pesquisa em Foco - História**. 10. 10.18817/ot.v10i16.289. 2013.

PERROT, Michel. **Os Excluídos da História: Operários, Mulheres e Prisioneiros**. RJ: Paz e Terra, 1988.

POLLAK, Michael. “Memória, Esquecimento, Silêncio”. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080> . Acessado em 12 mai. 2022

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**. São Paulo, 1997. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11233/8240> Acessado em 02 mar. 2022.

PORTELLI, Alessandro. **História oral e Memórias/Entrevista**: Paulo Roberto de Almeida e Yara Aun Koury. *História e Perspectivas*, Uberlândia, (50) 197-206, jan/jun 2014.

PATEMAN, Carole. **O contrato sexual**. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1993

TOMPSOM, Paul. **A voz do passado: História Oral**. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1992.

VERGE, Françoise. **Um feminismo decolonial**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

Recebido em 17 de maio de 2022

Aceito em 25 de maio de 2022